

A POESIA A DOIS PASSOS **(sobre os *Anagramas*, de Ferdinand de Saussure)**

Marcos Antônio SISCAR¹

- **RESUMO:** Propomos neste trabalho uma análise dos *Cadernos de Anagramas*, de Ferdinand de Saussure, estabelecendo um contraponto entre o tipo de abordagem usado pelo autor em seu estudo sobre a poesia latina e a concepção do método sincrônico de análise surgida de seu *Curso de lingüística geral*. As dificuldades na constituição das hipóteses e na organização metodológica do texto dos *Anagramas* revelam uma angustiante reflexão sobre a natureza da língua, e da língua poética de maneira especial. Como atividade contemporânea à do *Curso*, o reconhecimento dessas perplexidades pode ser colocado em paralelo com a tentativa de resguardo da transcendência da língua enquanto sistema de valores, apontando para a necessidade de se pensar as tensões constitutivas do saber.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Saussure; anagramas; sincronia; poética; intertextualidade.

... é tão interessante saber como "Messieurs!" ("senhores!", em francês) repetido várias vezes em seguida em um discurso é idêntico a ele mesmo, quanto saber porque "pas" ["não", em francês] (negação) é idêntico a "pas" ["passo", em francês] (substantivo) ... O segundo problema com efeito é somente um prolongamento e uma complicação do primeiro. (Saussure, 1964, p.250)

Eis algo que me escapa, eu admito, completamente. Não vejo outra coisa a fazer senão apresentar o enigma tal como ele se oferece. (Saussure, apud Starobinski, 1971, p.135)²

1 Departamento de Teoria Lingüística e Literária - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP.

2 Todas as citações, inclusive as de Saussure, são traduzidas pelo autor.

Nos comentários que acompanham a publicação dos chamados *Anagramas*, Starobinski sugere que as dificuldades que Saussure aí encontra teriam indicado o caminho que o trabalho do lingüista tomaria posteriormente, no *Curso de lingüística geral*. A hipótese parece verossímil, mas a história dos *Anagramas* não nos interessa somente como um obstáculo vencido na educação científica de Ferdinand de Saussure. É importante não se esquecer de que boa parte de ambos os trabalhos foram desenvolvidos durante a mesma época. A grande quantidade de cadernos que Saussure preencheu com seus estudos sobre os anagramas (1906-1909) constitui sem dúvida uma atividade ao menos parcialmente paralela em relação à dos seus cursos (1907-1911), que dariam origem à obra de referência de toda a Lingüística moderna. Esses textos, e sobretudo (dadas as suas particularidades) os manuscritos dos *Anagramas*, mostram-nos, pelas questões que se colocam, pelas suas próprias incertezas, uma interrogação importante em relação ao problema da sincronia, noção fundamental para o estudo do sistema interno das línguas desenvolvido pelo saussureanismo.

Os problemas surgidos nos *Anagramas* instauram uma perplexidade que alcança a própria opção metodológica da obra de Saussure. Ainda que em seus manuscritos o lingüista tente dar ao trabalho uma orientação sincrônica, isto é, baseada na descrição das relações de valores em um certo *corpus* de linguagem, podemos dizer que esse estudo tem a particularidade de acentuar o caráter incontornável do problema da temporalidade dentro do estudo do sistema. A história dos *Anagramas* nos interessa como a história de uma confrontação do método com seus próprios limites. O tom dos *Anagramas* funciona assim como uma espécie de contraponto àquele do *Curso*. Como veremos, a tentativa de descrição de um mecanismo anagramático equilibrado acaba colocando o problema da arbitrariedade de sua própria construção, uma vez que recorre a instâncias que a excedem. É a própria tentativa de cercar a regra de cuidados que acelera a ruptura com a estabilidade de um "sistema de puros valores".

A questão que colocamos ao texto de Saussure é a desse conflito, cujas consequências impõem uma duplicidade incômoda ao estudo da questão estética a que aludem os *Anagramas*. Se a descoberta dos *Anagramas* representou para muitos uma "segunda revolução saussureana", na época áurea do Estruturalismo; ela continua ainda hoje a propor uma reflexão complexa mas fecunda à teoria da literatura.

O enxadrista inconsciente

Voltemos por um instante ao enxadrista imaginado por Saussure no *Curso* (1964, p.125 ss.) com o objetivo de explicar o funcionamento do sistema da língua e a passagem de uma sincronia a uma outra sincronia. Cada estado do jogo corresponde a um estado de língua e cada mudança, cada peça que se movimenta, redistribui todo o sistema fundando um outro estado, uma sincronia diferente. O movimento da peça, para Saussure, é um fato absolutamente independente dos dois estados, e ele deixa bem claro que o que lhe interessa são os estados de língua e não os movimentos das peças.

Esta situação é imaginada em uma escala social do idioma, em um espaço preciso de tempo (recorte que já nos coloca problemas profundos, como o da decisão preliminar quanto ao ritmo de mudança). Às vezes, neste idioma, a mudança de uma peça alteraria todo o jogo de valores, cuja relação interna deveria ser assim completamente redefinida. O sistema muda mas a sistematicidade do sistema permanece. A questão que se impõe parece ser, sobretudo, a seguinte: como podemos exprimir a totalidade deste sistema se o lugar a partir do qual nos exprimimos se situa necessariamente no interior de seu organismo?

Para Saussure, como se sabe, a *fala*, ato individual de linguagem produzido segundo as possibilidades da *língua*, se liga inextricavelmente a esta última. Dentro de um determinado estado de língua, toda ocorrência da fala está prevista pelas regras que lhe são impostas. A aceitação dessas regras não depende de nós, pois a língua nos é legada, nós a herdamos a cada instante, como a uma lei. Nós nascemos dentro de uma língua, nós vivemos no interior de suas possibilidades. Toda liberdade a ser contraposta a esta espécie de prisão está fadada ao fracasso uma vez que também está prevista. Dessa forma, ela não pode ser definida propriamente como uma liberdade, pois confirma e aprofunda a lei já instalada.

De que maneira conceber que o enxadrista, cativo das dimensões estreitas do jogo presente, possa, em um ato de liberdade radical, mudar o sistema pelo deslocamento de uma peça? Em outras palavras, como ir além das possibilidades limitadas da língua para criar outras *possibilidades*? De que maneira alcançar o exterior se somos sempre prisioneiros do interior? De que maneira explicar que a língua muda por meio da ocorrência de nossa *fala*, mas que essa mudança não depende

de nossa vontade? Na verdade, a relação entre as peças só pode ser mudada, como veremos, por um ato radicalmente arbitrário, que é o momento em que o enxadrista está *fora de si*, se assim se pode dizer.

A mudança é um problema que Saussure não se propõe a tratar, um problema que não lhe interessa. Efetivamente, é um problema de difícil solução, que traz a instabilidade, e que Saussure deixará, no caso, entre parênteses.

O enxadrista é o ator da mudança, mas para que a simbologia do jogo possa se adequar à tese geral, devemos imaginar, diz Saussure, um enxadrista "inconsciente" ou "ininteligente", pois a língua, diferentemente do enxadrista, não teria a "intenção" da mudança. Podemos dizer que, por um breve momento, a língua não é mais uma prisão, ela se abriu e esta fresta é para ela fundamentalmente estranha. Existe, portanto, uma possibilidade de que a língua saia de si mesma e, tendo de si uma visão panorâmica, coloque aí o seu dedo criador. A mudança é a própria imagem da criação divina, daquilo que deve pré-existir a si mesmo para poder se criar, que deve conhecer todas suas possibilidades para propor-se uma outra, desconhecida de si mesma. Não deixa de ser revelador para a ciência lingüística que esta possibilidade divina de mudança seja da ordem da inconsciência, da cegueira.

Se a existência das regras do jogo é, para Saussure, indiscutível (regras que explicariam as "leis" das mudanças da língua no tempo), uma força *inconsciente* escapa, por definição, a toda regra. A idéia da regra é fundada na capacidade que tem uma consciência de identificá-la. Assim, a força inconsciente faz que a mudança lingüística escape a uma simples confirmação das leis de uma gramática atemporal (que teria previsto todos os movimentos de um idioma), para colocar-se como agente de uma transformação efetiva sem objetivo fixado *a priori*. Toda metamorfose faz que a "coerência" das mudanças da língua só possa ser estabelecida *a posteriori*. Uma conseqüência dessa reivindicação dupla, do confinamento ao interior e da necessidade do abandono das regras internas, se impõe: a de que o sistema presente interior não é inteiramente acessível ou estável, e portanto não pode ser descrito como tal. Para ter uma visão geral da língua, seria preciso abandonar o ponto de vista interno, finito, do universo da fala, isto é, seria preciso abandonar a própria língua, já que ela é condição de possibilidade da fala. Em resumo, estamos diante do impasse, do paradoxo, de uma situação sem saída ou, mais especificamente, marcada pela duplicidade.

Podemos dizer que o sistema nos escapa incessantemente. O estado presente equilibrado deste sistema, sua totalidade, é somente uma *abstração*, ainda que Saussure se oponha a esta idéia (1964, p. 31), de fato extremamente perigosa quando aplicada ao *objeto* de uma ciência. Consequentemente, a língua não é completamente “social” e “concreta”, ainda que ela suponha uma dimensão pragmática, e não é completamente “homogênea” ainda que suponha uma determinada herança, uma determinada continuidade.

Esses problemas são essenciais para a questão dos *Anagramas*, pois nos colocam a necessidade de interrogarmos a herança que se dá como tema oculto sob a superfície do poema. As hipóteses que acabamos de expor de forma sumária nos permitirão abordar por um certo ângulo a questão da intertextualidade. O processo anagramático indica uma relação específica à lei da língua, ao diálogo do discurso teórico com a instância transcendente, abstrata, determinante, da lei. Perturbada pelo elemento diacrônico que permitiria o acesso a esta lei, a compreensão do sistema sincrônico escapa a si mesma uma vez que supõe uma certa “inconsciência”. Seu sentido se localiza sempre no passado ou no futuro, como herança ou como promessa.

A língua do poema

Pode-se dizer que a lei do anagrama, ou “paragrama”, ou “hipograma”, enfim, a lei do texto sob o texto, é a lei da *língua*. Seja tomada como segredo oculto, seja como combinação formal verificável, a lei do anagrama é sempre uma lei, herdada portanto e que implica uma certa temporalidade. Aí reside a dificuldade para uma pesquisa que não pode evitar o afrontamento com a questão da sua própria interferência no tecido da linguagem. Para resgatar o texto oculto ou latente, ela deveria necessariamente preceder seu próprio segredo, idealmente anular-se. Analogamente, podemos dizer que toda interpelação da tradição *sob* (*antes de*) a superfície de um texto procede a uma inversão do tempo: para ser dita, a tradição ou a lei, suportes do passado sobre o qual o poeta escreve, supõe um futuro: para que exista, a tradição é a cada passo modificada, revisável e revisada pela leitura. Se aquilo que se dá por antecipação, aquilo sobre o que se constrói o discurso, e que é modificado por ele, pode ser chamado língua, nome, é preciso lembrar que a leitura retoma e reelabora necessariamente esta herança.

Ora, a dificuldade desses problemas preliminares não parece oferecer um obstáculo para Saussure que, em seu estudo sobre os anagramas, procura dar um caráter sistemático à pesquisa no sentido de configurá-la como ciência e não permitir que, de sob o rigor do seu método, escapem conotações de uma especulação “paracientífica”. A tentativa inicial de construir um sistema é claramente colocada em evidência e esta opção pela sincronia se exprime na própria recomposição do hipograma. A organização das letras que o compõem dispensa muitas vezes a exigência seqüencial, linear (e portanto temporal), que têm na forma normal da palavra: Saussure faz assim abstração da consecutividade, ligada à diacronia (Arrivé, 1991, p.223). Essa licença teórica indica a solução sincrônica que ele privilegia no *Curso*.

Não obstante, podemos encontrar no estudo dos anagramas princípios que colocam em questão o acabamento perfeito da sincronia em um edifício teórico. A temporalidade, reveladora de um certo tipo de “cegueira”, retorna pela porta de serviço e desafia as hipóteses estabelecidas. As implicações desse problema causam uma impressão tão forte nos manuscritos de Saussure que Starobinski chega a supor que a via sincrônica privilegiada no *Curso* explica-se tendo em vista as dificuldades encontradas por Saussure no universo da prosa da lenda germânica ou no da poesia latina.

Mas não deixa de ser curioso o fato de que um método, tendo experimentado suas incoerências, possa *por este mesmo motivo* dar lugar a uma exploração mais geral e menos inquieta. Não se pode deixar de pensar em um contra-senso do ponto de vista científico. O passo dado depois dos *Anagramas* não se sustenta somente em um discurso sistemático, pois é dado a partir da experiência arriscada de uma aporia metodológica.

Para “extrair as leis constitutivas do funcionamento” da linguagem, e da linguagem poética em especial, é preciso ter com efeito alguma *audácia*: para Starobinski (1971, p.12), Saussure demonstrou audácia ao procurar fazer da língua sua *matéria-prima*. Uma audácia que entretanto jamais é recompensada inteiramente e cujo heroísmo metafísico está destinado a bater em retirada diante do campo “ao mesmo tempo livre e regrado” em que opera. É justamente o cálculo das probabilidades no momento da fixação da regra que indica no trabalho de Saussure o retorno da diacronia, colocando em curto-circuito o mecanismo extremamente ordenado da máquina de ler a língua sob o poema.

O cálculo e a ignorância

A “variação simbólica” que estremece o estudo da lenda se assemelha àquela que desencaminha o cálculo exato da regra dos anagramas. A identidade perdida na diacronia impede a fixação definitiva da regra e sugere um jogo cujas “regras” desafiam na verdade a própria idéia tradicional da regra. A tentativa de fazer do estudo sobre os anagramas uma matriz teórica para o estudo da literatura toca, portanto, necessariamente em uma certa experiência da contradição.

A procura das leis de aparição do hipograma sob o poema é uma procura da identidade do símbolo, desta lei que permanece a mesma de um poema a outro, de uma leitura a outra, que sobrevive a ela. Desta lei que permitiria fixar de uma vez por todas a forma de sobrevivência da *língua* ou da tradição dentro do tecido do poema. Neste sentido, os estudos de Saussure sobre as lendas e sobre a literatura latina têm conseqüências semelhantes e trazem em si todos os problemas que decorrem do fato de se procurar definir (o modo pelo qual se manifesta) a língua, de “interrogar o monstro”, como diz Saussure, sem dúvida e inevitavelmente com “disparos de artilharia [demasiadamente] pesada” (Saussure, apud Starobinski, 1971, p.20).

Para Saussure, trata-se, segundo nossa leitura, de uma questão central: aquela que relaciona a atividade do produtor de sentido, lingüista ou poeta, ao fundo da língua ou da cultura. Nesse sentido, a postura teórica dos *Anagramas* deveria nos colocar algumas questões. Dada a arbitrariedade que ameaça a pesquisa, o lingüista não pode deixar de se manifestar sobre o problema da relação com o outro, este outro que a diacronia traz na sua esteira. E é com relação ao outro que podemos entender o problema da *intencionalidade* do processo, isto é, daquilo que poderia decidir definitivamente a verdade do sistema, ao interrogá-lo em sua origem; que permitiria julgar o grau, maior ou menor, de arbitrariedade a que a leitura está sujeita. Toda leitura anagramática arca efetivamente com um certo caráter arbitrário, permitindo que diversas combinações (talvez infinitas: é o que teme Saussure...) sejam possíveis no mesmo fragmento de um texto.

Na esperança de resolver definitivamente o problema, Saussure chega a enviar uma carta a um autor de versos em latim, na qual ele o interroga a respeito de uma virtual intencionalidade do processo anagramático. Mas do autor, inicialmente disposto a colaborar, jamais recebe uma resposta. Se essa forma de solução do problema pode pare-

cer ingênua do ponto de vista da teoria literária contemporânea (graças, entre outras coisas, à própria lingüística saussureana!), o fato nos mostra mais claramente o tipo de inquietude que perturbava o analista. O problema da intenção do autor no processo anagramático está ligado à diacronia não só porque o autor pode estar morto ou renunciar a toda forma de paternidade de sua obra, mas porque a teoria se defronta invariavelmente à necessidade de apresentar, de tornar presente, a história ou o relato de uma gênese. A teoria tem também uma dimensão narrativa que é importante considerar.

Para controlar esta lei do acaso, “deplorável” segundo Saussure, seria necessário, antes de qualquer conclusão teórica, um cálculo das probabilidades que permitisse estabelecer a distância que separa a teoria de um perfeito domínio do princípio da necessidade. Aí está a “base de tudo”:

A materialidade do fato pode ser atribuída ao acaso? ... – tal é o problema direto que aceitamos e o objeto propriamente dito do livro, pois esta discussão sobre as chances torna-se a inelutável base de tudo. (Saussure, apud Starobinski, 1971, p.133)

Preocupado com o grau de arbitrariedade que começa a perceber em suas hipóteses, ainda que aumente o rigor das leis e as torne cada vez mais estritas, Saussure “aceita” o fato de que é somente por meio desse cálculo que poderíamos tentar evitar, por um lado, descobrir um subtexto demasiado “forte” (demasiado “banal”, noção que seria necessário esclarecer) e, por outro lado, evitar perder a regra descoberta em meio à vaga de exceções que o acaso pode produzir. O problema é claramente colocado:

Quando um 1º anagrama aparece, é como se a luz tivesse sido feita. Depois quando percebemos que é possível juntar a ele um 2º, um 3º, um 4º, não só nossas dúvidas permanecem como, além do mais, começamos a desconfiar até mesmo do primeiro: pois nos perguntamos se afinal de contas não poderíamos encontrar todas as palavras possíveis em cada um dos textos, ou até que ponto aquelas que se haviam oferecido sem que as procurássemos estão mesmo asseguradas por garantias características, e implicam uma soma maior de coincidências que as da primeira palavra que chega, ou daquela a que não dávamos atenção. *Estamos a dois passos [à deux pas] do cálculo das probabilidades como recurso final*, mas como o cálculo, no caso, desafiaria as forças dos próprios matemáticos, *a verdadeira pedra de toque está em se recorrer ao que dirá o instinto de uma segunda pessoa não informada, e por isso mesmo em melhor posição para julgar*. Eu não quis esconder de vocês a razão de dúvidas provinda da superabundância que se oferece em matéria de anagramas. (Saussure, apud Starobinski, 1971, p.132, grifos meus)

Para Saussure (apud Starobinski, 1971, p.128) a solução definitiva, mas virtual, do problema dependeria de um cálculo do "grau", da "probabilidade", que Starobinski procura sintetizar de forma diferente quando propõe, em seus comentários, a noção de "pertinência". Para Starobinski, seria mais adequado pensar em uma adequação e não em uma verdade. Mas o próprio Saussure não crê na existência de uma fórmula que permita medir a pertinência de uma possibilidade. Esta aritmética desafia os matemáticos, pois ela não pode ser estritamente da ordem da ciência. De fato, podemos dizer que ela vai além da ciência sem excluí-la.

A evidência ou a pertinência podem abolir o acaso? Não, se o cálculo dessas regulações ou desse contrato é sempre, antes de mais nada, o cálculo de um pensamento em ação, isto é, em *fala*, que não pode atravessar de forma estável e repetida a distância (por vezes aparentemente curta) entre o bom senso de uma pessoa e o bom senso de outra, entre uma intenção (poética) e uma outra intenção (teórica) – ou no interior de cada uma dessas sincronias. Somos continuamente levados a recorrer ao cálculo, *cálculo* (sentido aritmético da *ratio* latina) que é a própria teoria, a evocá-la como "recurso final" e resposta tranqüilizadora contra a dispersão. Estamos sempre "a dois passos [à *deux pas*] do cálculo", muito próximos; ou em um cálculo "à *deux pas*", de duas negações: nem exato nem contornável.

A dança dos números deve ser aqui um "*pas de deux*" para ter alguma chance. Assim, se a pertinência da regra dos anagramas, segundo Saussure, depende de uma matemática, impotente neste caso, ela deve recorrer finalmente à "verdadeira pedra de toque": o *instinto* de uma "segunda pessoa não informada, e *por isso mesmo* em melhor posição para julgar". O segundo elemento que toma parte na solução geral do problema é portanto aquele que julga algo que não conhece e sobre o qual não está informado, isto é, o exato contrário do juiz, do sábio, do homem de ciência: o ignorante. Ainda aqui, é a figura do enxadrista inconsciente, de alguém que está fora do jogo, que retorna como último recurso de Saussure para explicar a passagem de um equilíbrio a outro, do estado da intenção do autor a um outro estado, amputado do primeiro. Ainda aqui, é a falta de ciência que retorna para garantir a verdade ou a validade da teoria.

É somente essa associação com o contrário do saber, da mestria, do possível, que pode apoiar a regra no momento em que esta ainda crê poder reencontrar um equilíbrio. Uma vez que o juiz só pode dar

seu veredito se estiver efetivamente *informado* daquilo sobre o que ele deve deliberar, uma vez que este recurso de "ininteligência" é de natureza fundamentalmente diversa do saber, toda conclusão é sempre adiada e a regra torna-se de fato uma eterna hipótese. Aquilo que inicialmente parecia ser da ordem de um princípio poético consciente não pode deixar de ser associado por Saussure a uma "segunda natureza", entenda-se: aquilo que está tão próximo de nós que se torna distante, independente de nossa ciência. Por um instante, a evidência parece ser equivalente ao insondável. O estudo dessa contraditória *tecnicidade natural* exigiria talvez, além do matemático, o psicanalista. Ou o lingüista. Mas este último, no caso, pressente o abismo do enigma.

A aritmética do ímpar

Esta desconfiança está ligada a um pressuposto fundamental para o projeto do lingüista: a possibilidade da identidade. Uma de suas ilustrações mais interessantes, nos *Anagramas*, encontra-se no comentário sobre o número "par", esta que é a tentativa de *cálculo* mais ousada do trabalho de Saussure. A descoberta da regra da paridade sustenta provisoriamente o sonho de contato com a divindade, oportunamente associada ao estudo da língua e suas proporções. "NUMERO DEUS PARI GAUDET", escrevia Saussure, em maiúsculas, em um de seus cadernos. Deus se regozija com o número par. Para Saussure, a *couplaison*, isto é, o emparelhamento, ou acoplamento (lei geral da iteração de vogais ou de consoantes no poema, cujo número total seria sempre par), representa a própria lei do anagrama, a lei que funda a identidade, que opera o cálculo exato cujo resto é igual a zero (Saussure, apud Starobinski, 1971, p.22), isto é, a operação perfeita.

Ora, Saussure admite (apud Starobinski, 1971, p.26), a regra não exclui problemas de contagem "porque *par* ou *ímpar* depende de uma *única unidade*, e de um único erro na intenção do versificador". E eis que voltamos ao velho problema: ainda que a regra tenha alguma chance de ser aplicada, a sua justificação é, em última instância, colocada na conta da "intenção do versificador". De fato, não se trata unicamente da eventualidade de um erro localizado, mas do problema intrínseco à lógica de relação diferida que é a do par, de toda leitura e de toda auto-leitura que a escritura supõe. A lei do emparelhamento é assim uma lei que se coloca em dúvida obliquamente, por meio do risco de uma impossibilidade de totalização.

Uma imperfeição ameaça continuamente o cálculo, já que tem como condição a necessidade de um suplemento; o resto não contabilizável de um verso deve poder transbordar e encontrar no verso seguinte seu parceiro, e este outro verso deve poder transbordar por sua vez, e assim por diante:

Não nos cansamos de repetir que a certeza e o valor desta lei [do emparelhamento] repousa antes de tudo ou até mesmo inteiramente, segundo nossa apreciação, no fato da *compensação logo no verso seguinte*, e desapareceria em grande parte sem esta lei subsidiária e protetora (Saussure, apud Starobinski, 1971, grifos do autor, p 26)

A validade do princípio do emparelhamento, portanto, só pode existir pela concessão à "compensação", ao transbordamento de um resto. Isto implica que, à procura de sua identidade, a lei do verso (e por que não a do poema...) seja colocada em suspenso à espera de outro verso (ou poema, ou leitura...), que a confirmaria, mas que permaneceria em suspenso, por sua vez, na dependência do outro. Esta duplicação, aliás, só é possível tendo em vista a propriedade que tem o par de ser *duplo*, de se desdobrar.

Assim, à procura de seu par, o ímpar (visto, afinal, como um par incompleto) é uma espécie de albergue onde a análise se instala durante a noite de um verso, mas que abandona em seguida para prosseguir a sua busca, de uma sílaba a outra, de uma palavra a outra, de um verso a outro. Toda a complexidade e a dificuldade das contas de Saussure não impede a derrocada de seu cálculo, isto é, a eventualidade sempre ameaçadora do ímpar. Negativo da lógica reiterativa do número par, o ímpar implica uma certa instabilidade na procura da identidade. Aliás, Verlaine tinha suas razões para colocá-lo ao lado da música e não da aritmética.

Se imaginarmos que o transbordamento é necessário não somente de um verso a outro, como propõe Saussure, mas também de um poema a outro, de uma obra a outra, de uma literatura a outra, de um original a sua tradução, do objeto a sua ciência, em resumo, de toda relação a uma alteridade, teríamos que a distância da teoria em relação à lei poética provém da própria natureza do par, de poder ser dobrado em dois, e que toda paridade depende sempre de uma cumplicidade com o ímpar, seu outro. Colocando o controle desse transbordamento na conta da mestria ou da intenção consciente do autor em plena posse de si mesmo, Saussure torna improvável o cálculo definitivo da lei do anagrama.

Naturalmente, sendo resultado de um certo cálculo, o ímpar, além de se ligar à música, liga-se também de forma indiscutível à aritmética. Mas é justamente essa ligação aporética ao seu contrário que faz do cálculo uma experiência que não se esgota inteiramente em nenhum dos dois tipos de posição. A apona segue, desta forma, um ritmo de dois passos (*à deux pas*), duas negações. A busca do par não pode deixar de se defrontar com este jogo duplo que faz do encontro de cada “contra-vogal”, de cada *segunda* pessoa, não informada, o início de um jogo e não a confirmação pura e simples de suas regras. Porque se tudo fosse inteiramente explicável no poema, e “todas as letras [fossem] suprimidas pelo número par” (como quer imaginar Saussure, apud Starobinski, 1971, p. 26), é a própria singularidade da experiência do poema que seria aniquilada pela força do emparelhamento.

Exibindo as angústias de seu autor ante o problema da confirmação científica ou simplesmente mostrando-as sob a sua própria constituição como trabalho cotidiano de pesquisa, o estudo sobre os anagramas nos mostra uma experiência singular de relação com a teoria. É bastante significativo o fato de que essa experiência entre pela porta da poesia.

O princípio estético

Se o mergulho dos *Anagramas* na babel da *fala* poética faz um contraponto à sistemática do *Curso*, submetendo-o à cadência de uma duplicidade inquietante, podemos notar que a vertigem, ou o delírio que aí se cria acaba confundindo o lingüista, em lugar de lhe dar novos recursos e uma nova curiosidade. Se aceitarmos uma relação de causalidade, como proposta por Starobinski, dentro da obra de Saussure (a dificuldade da diacronia nos *Anagramas* levando diretamente à sincronia do *Curso*), deveríamos dizer que o lingüista renuncia à dificuldade diante do fundo inesgotável da língua que mal se abre na superfície do texto. Efetivamente, Saussure “deplora” a lei que ele encontra no poema:

ela se torna fatalmente, se ela existe, a base – deplorável em sua natureza – mas impossível de ser evitada em seus efeitos, que determinará em quase toda passagem a forma que o autor dá a seu pensamento através de palavras. (Saussure, apud Starobinski, 1971, p. 134)

A esta mesma lei, Mallarmé (para quem "todo pensamento emite um lance de dados", renunciando com isso a abolir o acaso) dá o nome de "logro fecundo" "É a diferença entre o poeta e o linguista", propõe Michel Deguy (1969, p 25)

O linguista, no caso Saussure, evita generalizar suas conclusões sobre o verso saturniano e sobre a poesia latina, como lembra Starobinski. Evita propor noções que possam ser aplicáveis a toda poesia. Aparentemente, Saussure procura uma lei provisória e não a essência da poesia. Mas de uma à outra há somente um passo, ou dois. Efetivamente, os *Anagramas* deixam entrever uma relação direta entre a questão que é aí tratada e uma teoria poética ou, mais genericamente, uma teoria da literatura. Poderíamos dizer que a reflexão sobre o particular impõe ou implica um comprometimento com a generalidade. Mas, para não impormos ao texto de Saussure mais violência do que já lhe impomos respeitando-o, partamos de suas afirmações. Esta relação do estudo particular com uma teoria poética geral parece tornar-se necessária quando Saussure se interroga, na "Nota sobre um ou dois pontos gerais", sobre o problema da origem do princípio do anagrama. Para Saussure, o dispositivo anagramático sena da mesma natureza do da rima ou da metrificção, com a diferença de que o anagrama não tem em toda tradição poética, segundo afirma, nenhuma teorização ou testemunho que permitisse justificar sua "pertinência". Saussure parece surpreso com o fato de que um princípio tão banal (e justamente por esse motivo, pensa) tenha sido ignorado por escritores que faziam dele um uso tão intenso.

O princípio do texto sob o texto está visceralmente ligado à questão poética qualquer que seja a origem (religiosa ou não) desse princípio, e qualquer que seja sua *posição* em relação ao princípio poético enquanto tal (anterior a este princípio ou incorporado a ele) (Saussure, apud Starobinski, 1971, p 60). Saussure (apud Starobinski, 1971, p 125) não crê que seja necessário resolver de uma vez por todas a questão da "finalidade" [*but*] e da "função" [*rôle*] do anagrama na poesia. O anagrama tem uma "função" poética, uma vez instituído, podendo variar de acordo com as épocas, ou tem uma "finalidade" poética, isto é, estaria *desde o princípio* ligado a uma essência poética, contemporâneo do ato de sua fundação, fundador da poeticidade?

De acordo com nossa escolha, seja pela primeira possibilidade seja pela segunda, optamos ou por um princípio geral e de ordem estética, que dá origem ao fato particular do anagrama, ou ao contrário optamos pelo anagrama que engendra o princípio estético (Saussure, apud Starobinski, 1971, p 126)

Saussure não vê necessidade de se resolver a questão. O anagrama é, segundo ele, um “hábito poético” que as épocas utilizam e interpretam à sua maneira, ou, alternativamente, o ponto de partida da poesia enquanto tal. Com efeito, não podemos nos decidir entre o relativismo histórico e a especulação sobre a origem, pois quando supomos uma época histórica bem delimitada, supomos igualmente um ponto de origem a partir do qual a função, que não o era, torna-se poética de uma maneira ou de outra, a questão da “função”, da mesma forma que a construção de um sistema desligado da referência externa, como a *língua*, supõe um movimento originário e, com ele, todo o problema teleológico da “finalidade”. Em resumo, a função contém sempre uma finalidade. Retomando a questão do sistema, podemos dizer que essa finalidade, ligada a uma essência poética, é a cada instante singular e não pode ser controlada e estabilizada pela generalidade de base de toda teoria. Enquanto proposição teórica, o “hábito” poético do anagrama, bem como o princípio poético enquanto tal, continua preso a uma cegueira originária. Trata-se, ainda nesse caso, de uma lei que é da ordem da “abstração”.

O analista da linguagem decide não se decidir. De certa forma, é o próprio discurso teórico que entra em contato com sua fragilidade *histórica* pois, de fato, ao decidir, ele “corre o risco de se enganar”. Mas será possível eliminar simplesmente o risco, as vicissitudes da história? Será possível separar o curso da história ou a historicidade do discurso do evento imprevisível? Várias perguntas caberiam aqui: com quais argumentos um discurso reivindica a autoridade de falar em nome de sua “época”? Sob que condições ele pode dar ou engajar sua palavra (*parole*), sua *fala*, como uma lei, mesmo provisória? Que fundamentos lhe servem de base para que possa falar a *língua* (*langue*) de sua época, em perfeita “sincronia” com ela?

A situação da teoria anagramática está bem próxima daquela da língua: “a cada instante ... uma instituição atual e um produto do passado” (Saussure, 1964, p.24). Mas se o anagrama se liga ao mesmo tempo ao caso particular e à lei, quais são as chances de uma teoria intertextual da literatura ser realizável como teoria e utilizável como método? Preocupada antes de mais nada com o funcionamento de um sistema presente, e por isso renunciando a especular sobre um absoluto poético, a teoria da poesia de Saussure supõe no entanto esse absoluto e o reafirma em seu próprio relativismo. Não podemos, de fato, resolver a questão: a “função” não se separa da “finalidade” pois a pri-

meira supõe a segunda. Fundando o poético ou sendo incorporado a ele, o anagrama para Saussure continua ligado a um certo *princípio* poético. Mas, como a "lei", visível unicamente por meio da fatualidade que a transforma, a teoria do poema se liga perigosamente à sua própria enunciação.

A poesia por vir

Que teoria poética elaborar a partir do estudo sobre os anagramas? O teórico que escava na mina do poema para encontrar o texto oculto enfrenta a resistência de base que oferece a linguagem ante o projeto de universalização de um saber. O pensamento não pode eximir-se do afrontamento a essa resistência e não pode, tampouco, decretar a impossibilidade do conhecimento, sob pena de adotar a mesma lógica, tomando-a pelo avesso e radicalizando os efeitos de uma mesma concepção empobrecedora da linguagem.

Ora, se a lei é intangível *enquanto tal*, ela não cessa de se oferecer a quem a procura; ela não cessa de apresentar o enigma do universal como eclosão da singularidade. A poesia fala à intuição do pesquisador, a língua o chama, e a lei desta sua língua pode às vezes parecer evidente, banal, próxima. A poesia talvez esteja sempre a dois passos [pas], a duas negações, sem [pas de] autonomia e sem [pas de] desapaixão. Sempre muito próxima, num futuro próximo, o por-vir, o passo decisivo é sempre um passo para *além* de si mesmo e portanto um passo que está sempre aquém de seu objetivo. A dificuldade de controle que podemos ter sobre a definição do poético está no centro da teoria saussureana da literatura, que não julga ser "indispensável" (que não pode) se decidir.

Este paradoxo constitui um problema com que a crítica se defronta cedo ou tarde na relação com seu próprio discurso. Se o elemento de desequilíbrio faz parte do seu próprio centro, a sua primeira tarefa é a de refletir sobre seu estatuto de ciência e sobre sua relação a esta lei ambígua que é a do poema. Uma das tarefas da Linguística, para Saussure (1964, p.20), é justamente "delimitar-se e definir-se", isto é, refletir sobre seus limites. Saussure, no estudo sobre os anagramas, faz essa necessária volta sobre si mesmo e experimenta o perigo de ir além. Em lugar de garantir-nos uma via tranqüila para o deciframento do enigma, ele prefere apresentá-lo tal qual, em sua forma indecível.

A diferença dos *Anagramas* em relação ao *Curso* talvez seja uma diferença de *tom*, isto é, uma diferença na forma com que o texto apresenta sua relação tensa com o objeto de pesquisa, na forma com que ele se coloca frente à evidência inexplicável da língua. O "delírio" dos *Anagramas*, sua audácia, suas confissões, seu andamento de projeto, parece colocar em questão a artilharia teórica do *Curso*. Sua estrutura de caderno de notas, espécie de diário, lhe dá uma dimensão temporal e uma entonação que o aproxima da obra, isto é, do relato e da experiência de um evento único.

Se ante a dificuldade de um corte teórico definitivo, Saussure mantém a "fé" em sua pesquisa, ele aceita com isso a continuidade do conflito com a atração que o guia, ainda que para tê-la sempre em perspectiva. Para Saussure (apud Starobinski, 1971, p. 134), o princípio do hipograma é em si "incontestável". Ora, diz Deguy (1969, p. 22),

o que é esta obstinação dirigida a uma tal lei senão a atração que responde ao chamado (em um jogo de eco sem "causa" original) do sem-fundo do rumor inerte a língua, chamado da infimidade inerente à língua auscultada por ela mesma, em seu jogo mais necessário e gratuito

O linguista, como o poeta, é atraído pela promessa da língua de revelar seu segredo. Saussure (apud Starobinski, 1971, p. 134) responde a esta promessa porque tem fé na linguística ou na poética do futuro. "Eu respondo com uma certa confiança, remetendo-me ao futuro", pois para o cientista pode chegar o tempo em que o "magro esqueleto do código" aparecerá com um brilho de perfeita constituição, o tempo em que o segredo terá sido revelado. Diferentemente do poeta, cuja obra nasce no contato com o adiamento incessante da promessa, o homem de ciência trabalha na expectativa de que a diferença em questão seja eliminada. Mas como toda identidade engendra necessariamente uma diferença, a postura que lhe resta é a expectativa ou a crença. Saussure responde ao "enigma" unicamente com sua "fé" (Saussure, apud Starobinski, 1971, p. 138), crença sem garantias, ele volta-se para o futuro, para aquilo que deve ainda acontecer e que, pelo intrínseco adiamento de sua presença, continua sempre por vir.

Talvez seja essa a suspeita que faz com que o texto de Saussure volte atrás, constantemente, nos passos de sua argumentação. O cálculo da transcendência do poema se complica cada vez que tenta traduzir o murmúrio indefinido, e este permanece secreto sob a carapaça fatal de cada poema e de cada análise. Este estranho cálculo mostra

que a distância a percorrer permanece irreduzível, apesar de parecer tão pequena, a dois passos da própria enunciação. De certa forma, o texto de Saussure não cessa de questionar a validade de seu método ao mesmo tempo em que o coloca em prática, fazendo do “método” uma espécie de problematização do método. Retorno a passos unicamente esboçados.

Retornando ainda uma vez aos passos de Saussure, a seu texto como obra de linguagem (ela mesma calcada em seus próprios subtextos), poderíamos dizer que a poesia está próxima da idéia de um caminhar sem finalidade (de uma certa *flânerie*, já reivindicada pela poesia). Nesta caminhada, cada *passo* (pas) para frente supõe, em seu próprio movimento, um certo recuo, uma contração, sua *negação* (pas). E esse é o preço de sua existência. É o caso do discurso de Saussure mas também de todo comentário sobre ele: de volta aos passos de Saussure, e antes de qualquer conclusão, seria preciso reconhecer a distância irreduzível pressuposta pela evidência de suas pegadas. É o que resta, esta reciprocidade sem provas.

Saint-Denis, agosto de 1993.

SISCAR, M. A. Two steps from Poetry (on the *Anagrammes* by Ferdinand de Saussure). *Alfa* (São Paulo), v.41, p.169-186, 1997.

- **ABSTRACT:** *This paper presents an analysis of the Cahiers des Anagrammes by Ferdinand Saussure, focusing on a counterpoint between the approach used by the author in his study on Latin poetry and the conception of the synchronic method of analysis suggested in his Cours de linguistique générale. The difficulties in the elaboration of hypotheses and in the methodological organization of the anagrams disclose a narrowing reflection on the nature of language, particularly the poetical language. As an activity contemporary to the Cours, the acknowledgement of those perplexities can be paralleled by the attempt to shield the transcendence of language as a system of values suggesting the necessity to ponder over constitutive tensions of knowledge.*
- **KEYWORDS:** *Saussure; anagrams; synchrony; poetics; intertextuality.*

Referências bibliográficas

- ARRIVÉ, M. "Saussure et la littérature". In: *Le Langage comme défi (Les Cahiers de Paris VIII)*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1991.
- DEGUY, M. "La folie de Saussure". *Critique (Paris)*, n.260, p.22-5, 1969.

- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1964.
- STAROBINSKI, J. *Les mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 1971.

Bibliografia consultada

- BAETENS, J. Postérité littéraire des *Anagrammes*. *Poétique*, n.66, p.217-33, 1986.
- DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris: Editions de Minuit, 1967.
- DOSSE, F. "La coupure saussurienne". In: *Histoire du structuralisme – I*. Paris: Découverte, 1991.
- LOPES, E. A intertextualidade na teoria anagramática de Saussure. *Revista de Letras (São Paulo)*, v.31, p.1-9, 1991.